

Recuperação de fontes sobre a colonização alemã no norte de SC

por KLAUS RICHTER

Vou falar sobre minhas experiências através de um trabalho que nas 4 semanas passadas realizei no AHJ. Pelo convênio cultural Brasil-RFA, o AHJ conseguiu obter verba para, entre outros, organizar um programa de levantamento de fontes documentáveis relacionadas à imigração e colonização alemã da região de Joinville. Desde que há uns anos atrás, durante a minha estada na UFSC, como Professor Visitante, havia me dedicado a pesquisas sobre tal assunto, a Direção do AHJ resolveu indicar-me para fazer o devido levantamento da documentação existente no AHJ, como primeiro trabalho dentro de um intercâmbio entre os dois arquivos de Joinville e Hamburgo. Será a vez da minha colega do AHJ de a partir de maio, por 3 meses, realizar semelhante pesquisa em arquivos alemães, baseando-se principalmente na documentação do arquivo no qual eu estou trabalhando, o Arquivo do Estado de Hamburgo.

A colonização da área de Joinville está altamente vinculada à cidade de Hamburgo no norte da Alemanha. Em 1849, foi fundada por comerciantes hamburgueses, ligados ao comércio e à navegação com o Brasil, a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, então única empresa alemã a se dedicar à introdução de colonos no Brasil. Em 1849, conseguiu obter do Príncipe de Joinville parte do patrimônio dotal pertencente ao Príncipe, em virtude do casamento com a irmã do Imperador Dom Pedro II, e nestas terras estabeleceu a sua Colônia Dona Francisca com a sede denominada Joinville, fundada em 1851. Durante o período principal das suas atividades, até 1888, encaminhou 17.408 colonos à Colônia Dona Francisca, fundando, além da atualmente maior cidade do Estado de SC, o florescente município de São Bento do Sul. A partir de 1890, se tornou evidente que a Sociedade nos moldes existentes não seria capaz de continuar o seu pro

grama de colonização. Constituiu-se um consórcio-fundador de uma sucessora formado pelos representantes de duas das três maiores companhias de navegação transatlântica da Alemanha e de diversas grandes casas comerciais das cidades portuárias de Bremen e Hamburgo, ligadas ao comércio com o Brasil. Em 1897, constituiu-se a nova Sociedade Colonizadora Hanseática, que, em seguida, colonizou grandes regiões ao redor dos atuais centros catarinenses de Ibirama e Corupá. Com o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e Alemanha na Segunda Guerra Mundial, passaram os bens e as instituições da Sociedade de SC a serem administrados pelo governo federal, em 1942, e incorporados ao Patrimônio Nacional, em 1946. No auge das suas atividades até 1916, a Hanseática havia introduzido cerca de 3.500 imigrantes nos quatro distritos coloniais da sua colônia Hansa, a saber: 1. Itajaí-Hercílio, no então município de Blumenau, com a sede Hamonia (Ibirama); 2. Itapocu, no então município de Joinville, com a sede Humboldt (Corupá); 3. Sertão de São Bento, nos então municípios de Joinville e São Bento; 4. Pirai no então município de Joinville.

Destas duas sociedades que durante quase um século haviam organizado boa parte da colonização alemã no norte de SC, hoje em dia não existe mais os acervos originais em Hamburgo. Ao que parece, com a constituição da Hanseática e a liquidação da Colonizadora de 1849, em 1855 foram transferidos os documentos da última para o acervo da recém - constituída, embora já naquela época houvesse destruição daquilo julgado descartável pelo ponto de vista comercial e administrativo. Sabe-se que na época da liquidação final da Hanseática , em 1962, ficava guardado o acervo dessa Sociedade no arquivo da Companhia de Navegação Hamburgo - América do Sul, como já indicado, altamente ligada à Sociedade Hanseática. Infelizmente, em fevereiro de 1962 houve uma pavorosa inundação em Hamburgo que,

além de causar a morte de mais de 300 pessoas, provocou danos terríveis nos porões das empresas no centro da cidade. Destruiu, entre outros, também os documentos da Hanseática guardados na Companhia de navegação Hamburgo - América do Sul.

Felizmente, as duas Sociedades, já pela tarefa altamente delicada a qual estavam-se dedicando, ao estabelecerem pessoas de origem alemã num país estrangeiro, ficavam sujeitas a um regime de inspeção contínua pelas autoridades alemãs. Foram estas, no início, a Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo, e, a partir da criação do Império Alemão, em 1871, tanto repartições federais como repartições da cidade de Hamburgo. Assim que, dentro dos acervos das instituições alemãs responsáveis, ficavam guardados documentos e impressos que nos permitem conhecer, pelo menos, os fatos principais das duas empresas.

Vale destacar que as Câmaras de Comércio das duas maiores cidades marítimas de Hamburgo e Bremen estavam estritamente vinculadas à política comercial e diplomática destas duas cidades livres, na época quando estas ainda desfrutavam a soberania nas suas relações exteriores, quer dizer antes da criação do "Reich" em 1871. Por tal motivo, estão sendo guardados nos arquivos dessas Câmaras de Comércio inúmeros documentos referentes a assuntos de emigração e colonização no Brasil, entre outros, também sobre as atividades da antiga Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849.

As primeiras tentativas da sua fundação, começando pela Sociedade de Amparo aos Emigrantes Alemães no Sul do Brasil, fundada em 1846, que, aliás contratara o célebre Dr. Hermann Blumenau a fim de enviá-lo a Santa Catarina para fazer estudos preliminares, podem ser pesquisadas em documentação interessantíssima guardada no Arquivo da Câmara de Comércio de Hamburgo. Esta documentação está complementada por documentos do acervo do Governo da então Cidade-

Livre, do Senado.

A repartição Hamburguesa responsável pelo controle das organizações destinadas ao angariamento e transporte de emigrantes, fez questão de que tais sociedades lhes enviassem relatórios anuais.

Assim, existem duas coleções mais ou menos completas de relatórios impressos, tanto da Sociedade Colonizadora de 1849, como da sucessora, da Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897. O registro de comércio exigiu que as mudanças principais nos conselhos fiscais e no quadro dos acionistas fossem comunicadas. Daí, ficaram preservados os detalhes mais importantes quanto à transição da velha para a nova Sociedade, no final do século passado. Já naquela época, o leão não largava mão das empresas quantos aos impostos que tinham a pagar. Muito daquilo que se conhece da Hanseática vem da documentação da época feita pela receita estadual.

Mesmo assim, tal documentação oficial dos vários níveis administrativos, de maneira alguma serve para substituir a perda dos acervos originais das duas Sociedades na Alemanha.

É mister completá-la o máximo possível com documentos da área colonizada pelas duas Sociedades, quer dizer, antes de tudo, de SC. As nossas pesquisas até agora realizadas indicam que, embora às vezes fragmentário existe um vasto acervo em SC, capaz de fornecer dados sobre as mencionadas Sociedades que na Alemanha já não é mais possível obter. Neste sentido, o AHJ revelou riqueza extraordinária.

Não é de surpreender tal fato, desde que a Direção da Colônia Dona Francisca, quer dizer, das áreas de colonização da antiga Sociedade Colonizadora de 1849 nos atuais município de Joinville e São Bento do Sul, ficava na sede da administração local, em Joinville. Outrossim, a Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 até 1904 escolheu Joinville como sede da sua colônia Hansa com os acima mencionados 4 distritos, ficando, em seguida, o centro administrativo

da colônia transferido para Hamonia (hoje Ibirama), então o mais importante núcleo de colonização recém - formado.

Infelizmente, os acervos das duas direções coloniais não foram preservados na íntegra, como fundos arquivísticos próprios. aconteceu em Joinville o mesmo que acontecera em Hamburgo. Depois da liquidação da antiga Sociedade Colonizadora de 1849, em 1899 houve descarte de muitos documentos da Direção da Colônia Dona Francisca então não mais consultados para fins legais. O que sobrou ficou integrado no acervo da recém - fundada Diretoria da Colônia Hansa. Depois de a sede ser transferida para Ibirama, em 1904, o acervo principal da Colônia foi estabelecido naquele lugar, enquanto que a documentação da antiga Sociedade ficou em Joinville, na administração daquele distrito da Hansa, junto com os documentos da administração distrital. O acervo principal da Sociedade Colonizadora Hanseática, quanto à Direção da Hansa, daí em diante foi guardado em Ibirama.

Com a extinção da Colônia Hansa, em 1942, ao que parece a maior parte daquele acervo foi destruída ou extraviada. O que sobrou, foram, além de uma coleção fragmentária de cópias de relatórios anuais enviados pela Direção da Colônia à direção da Sociedade em Hamburgo, sobretudo os valiosíssimos copiadores de cartas. Tais copiadores contém todas as cartas enviadas pela Direção da Colônia aos seus superiores em Hamburgo, assim como o Governo do Estado de SC, aos 3 distritos, além de Ibirama e principalmente a colonos e pessoas ligadas com a Sociedade. Abrangem o período entre 1896 a 1914.

O acervo do distrito da Hansa, em Joinville, foi incorporado ao acervo do Domínio Dona Francisca, empresa de Administração das antigas terras dotais do Príncipe de Joinville, lá ficando também aquilo que sobrou do acervo da Colônia Dona Francisca, de 1849 a

1897. Era esta situação quando, nos anos sessenta, o saudoso historiador Joinvilense Carlos Ficker, autor de duas obras fundamentais sobre Joinville (1965) e São Bento do Sul (1973), começou a pesquisar tal documentação ainda existente. Naquela época, ficava a maior parte dela guardada na administração do Domínio Dona Francisca, junto ao Museu Nacional de Imigração e Colonização em Joinville, e uma parcela no Museu Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, em Ibirama. Do Domínio Dona Francisca, tirou os livros da contabilidade e documentos mais significativos sobretudo quanto à Colônia Dona Francisca da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, de 1849 a 1897, assim como dos inícios da Colônia Hansa, de 1897 até o começo do século. Do Museu Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, tirou 7 dos 12 livros copiadores da Hanseática, ficando lá os 5 restantes que, ao que parece, na época não conseguiu localizar. integrou tal material na sua coleção de documentos, livros, jornais, extratos e anotações - assim chamada coleção Ficker. Esta coleção, aliás, enriqueceu-a com inúmeros documentos, sobretudo relatórios anuais e ofícios da Direção da Colônia Dona Francisca aos Presidentes da Província de SC, de 1851 a 1880, que se extraviaram do Arquivo Público do Estado em Florianópolis.

Pelo ponto de vista legal e arquivístico, tal procedimento sem dúvida alguma merece ser criticado. Quanto à preservação dos documentos, sobretudo os de Ibirama, pelo menos o saudoso Ficker não causou nenhum mal a eles, antes pelo contrário. Depois de ter falecido, a Prefeitura Municipal de Joinville comprou a coleção inteira dos filhos dele, e hoje em dia constitui um dos mais valiosos fundos do AHJ. Foi nele que encontrei a maior parte dos documentos realmente decisivos quanto à história da Sociedade Colonizadora de Hamburgo e da Sociedade Colonizadora de Hanseática.

Além deles, existe ainda abrangente documentação sobre as duas So-

iedades no fundo Domínio Dona Francisca, Hoje, em grande parte , também guardada no AHJ.

O que está causando problemas é aquilo que ainda se encontra no Mu seu Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, em Ibirama. Os copiadores de cartas da Hanseática, 5 volumes de 1896-1904 e 1909-1910, estão sendo guardados naquele Museu que não tem condições de abrigar documentos, sendo, o estado de preservação deles, precário. Ao meu ver, seria melhor transferi-los para o Arquivo de Blumenau, visto que Ibirama, a antiga Hansa - Hamonia, fez parte do município de Blumenau durante a época da colonização alemã.

Os copiadores aliás, tanto os mencionados como extraviados pelo Ficker e guardados no AHJ, apresentam problemas difíceis de conservação. escritos em papel de seda, o qual depois de mais de 75 anos estragou, e tinta em parte o corroe, além disto as letras de várias cartas ficaram amarelas ou apagadas. Creio que o único meio para preservar o conteúdo será a microfilmagem daquilo que ainda é suficientemente legível, o resto tem que ser copiado manualmente. Microfilmagem, aliás, também ofereceria vantagens quanto à troca de microfilmes entre os Arquivos de Joinville e Blumenau, assim os dois ficariam com cópias das séries de copiadores inteira, e o Arquivo de Hamburgo ficaria com um terceiro microfilme. Contudo, o essencial é reunir os copiadores em Florianópolis, na UFSC, para que ali sejam microfilmados.

As principais partes da documentação no AHJ sobre as duas Sociedades Colonizadoras Alemãs do norte de Santa Catarina, entre 1849 e 1942, serão microfilmadas com a ajuda da Prefeitura Municipal de Joinville, a fim de completar a nossa documentação no Arquivo do Estado de Hamburgo. A minha colega Maria Tereza Bödel , do AHJ, provavelmente a partir de maio, ficará 3 meses na RFA, pesquisando arquivos e bibliotecas em Hamburgo, Bremen, Bonn , Frankfurt ,

Stuttgart e Berlim. O que interessa ao pesquisador catarinense não são somente documentos, mas outrossim, jornais, impressos e livros raros alemães contemporâneos sobre as áreas de colonização em Santa Catarina. No final, o material que a Tereza achar significativo, será microfilmado nas respectivas instituições alemãs e enviado ao AHJ, a fim de que possa ser usado pelos interessados.

Talvez a experiência do arquivo de Joinville seja interessante para Blumenau também. Lamentavelmente, esta cidade perdeu a maior parte do seu acervo no incêndio da Prefeitura, em 1958. Sem dúvida alguma, existem na Alemanha inúmeros documentos, jornais, impressos e livros raros da época do Dr. Hermann Blumenau que tratam de assuntos da colonização desta cidade. Possivelmente, um dia, alguém de Blumenau, seja capaz de fazer um levantamento a fim de que o material encontrado, em seguida, fique à disposição dos pesquisadores Blumenauenses, em forma de microfimes.

Pelo estudo das fontes acima mencionadas, chega-se à conclusão de que houve inúmeros problemas quanto aos detalhes da colonização, muitos deles inerentes ao próprio sistema. 1. As duas Sociedades desde o início não dispunham dos meios necessários para uma colonização em grande escala; 2. Sempre Houve falta de colonos; 3. Os que vinham, muitas vezes não estavam suficientemente abastados.

1. Quanto à antiga Sociedade Colonizadora de Hamburgo, sem a ajuda permanente e substancial concedida pelo governo brasileiro, já a partir de 1855 não teria sido mais capaz de continuar com o seu programa colonizatório em SC. Aliás, o mesmo sucedeu à iniciativa de colonização do Dr. Blumenau. É importante frisar tal fato, pois serve para relativar a asserção um tanto ideológica de muitos historiadores mais conservadores de que a colonização de Joinville e Blumenau demonstraria um sucesso da iniciativa privada. Outrossim, serve também para relacionar a asserção ufanista de historiadores

teutos de que tal colonização teria sido tão-somente um triunfo do elemento germânico. Por outro lado, serve também para relativar a asserção de círculos brasileiros nativistas de que os alemães pela sua colonização e criação de quistos étnicos teriam desde o início ameaçado a integração brasileira. O que as fontes realmente estão nos mostrando é que houve uma grande e incessante preocupação do governo Imperial Brasileiro pela colonização catarinense com gente teuta. Tal discriminação, se bem sucedida, quase sempre foi resultado de estreita colaboração entre os agentes colonizatórios alemães e representantes do governo brasileiro. Quanto a ajuda do governo não estava sendo mais concedida o que foi o caso da Sociedade Hanseática a partir de 1897, desde logo ficou evidente que por si mesma tal Sociedade jamais conseguiria desenvolver um programa colonizatório de maior vulto. Comparando as atividades das duas Colonizadoras, vê-se qual a diferença entre a mais antiga, financeiramente vinculada ao governo brasileiro, e a mais nova, carente de tal subsídio.

2. A falta de colonos em geral criava sérios problemas. Foram várias as versões por que desde o início não vieram tantos imigrantes como havia sido calculado pelas Sociedades nas suas estimativas otimísticas. A emigração alemã, da época, na sua grande maioria preferiu os Estados Unidos, sendo que aproximadamente 90% daqueles que saíram da Alemanha lá se estabeleceram. Além de vários outros fatores, o fato de que as passagens para a América do Norte eram bem mais baratas do que para a América do Sul, serviu para que muitos emigrantes teutos preferissem os Estados Unidos em vez do Brasil. Face aos malogros de algumas iniciativas de colonização no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, assim como aos maus tratos que muitos imigrantes estavam sofrendo nas fazendas de parceria do Senador Vergueiro, em S. Paulo, o governo prussiano, em 1859,

achou por bem proibir no seu território as atividades de agências de emigração destinada para o Brasil. Tratava-se do Rescrito von der Heydt, que a partir daí, muito disciplinaria o trabalho da Sociedade hamburguesa e que ficou revogado somente a partir de 1896. Naquela época, por volta de 1900, a emigração alemã, contudo já ultrapassava o seu auge e estava decrescendo rapidamente. A poderosa indústria alemã com a sua crescente demanda de mão-de-obra passaria a absorver o excesso demográfico, não havendo mais necessidade de emigrar a maioria das pessoas marginalizadas. Ao mesmo tempo houve profundas mudanças no quadro social daqueles que ainda continuavam emigrando. Já não preponderava mais a família camponesa típica do período anterior. Ora, para a colonização do interior de SC era preciso encontrar gente capaz de desmatar a mata virgem, de preparar as primeiras roças, de criar plantações e pastagens, de construir ranchos primitivos e, aos poucos, casas mais sólidas - enfim pioneiros aptos e decididos a enfrentar uma tarefa extremamente árdua e difícil. Tal tipo de gente, estava se tornando cada vez mais raro. Foi este o problema principal que a Sociedade Hanseática jamais conseguiu resolver. Sem a migração interna catarinense, a sua Colônia Hansa não teria conseguido prosperar.

3. Desde que até 90% dos colonos não dispunham de meios suficientes, dependiam de adiantamentos das passagens e empréstimos para a compra dos seus lotes. Se bem que tais dívidas ficavam hipotecadas, muitas vezes os devedores, ou não estavam em condições, ou por completo "se esqueciam" de pagar amortização e juros. Quer dizer, grande parte dos adiantamentos e empréstimos concedidos aos colonos pelas duas Sociedades estava perdida. Tal fato contribuiu muito para que as Sociedades, já desde o início, carentes de capital, sentissem cada vez mais a falta de recursos necessários para o seu desempenho.

Pelo ponto de vista financeiro, não foram bem sucedidas as atividades das duas Sociedades Colonizadoras do Norte da Alemanha em solo catarinense, perdendo-se grande parte do capital nelas investido. Pelo ponto de vista brasileiro contudo, é preciso notar que por tais Sociedades foram colonizadas vastas áreas ao redor dos atuais centros de Joinville, São Bento do Sul, Ibirama e Corupá. Basta viajarmos nestes municípios, hoje, para chegarmos à conclusão de que devem ser considerados altamente positivos os efeitos econômicos e sociais desta colonização no atual quadro catarinense.